

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE TRADUÇÃO

LAURA ARANTES RODRIGUES



**TRADUÇÃO COMENTADA DE GÍRIAS DA CULTURA HIP-HOP:
UMA PROPOSTA DE LEGENDAGEM DO DOCUMENTÁRIO “FRESH
DRESSED”**

Uberlândia/MG

2023

LAURA ARANTES RODRIGUES



**TRADUÇÃO COMENTADA DE GÍRIAS DA CULTURA HIP-HOP:
UMA PROPOSTA DE LEGENDAGEM DO DOCUMENTÁRIO “FRESH
DRESSED”**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marileide Dias Esqueda

Uberlândia/MG

2023

LAURA ARANTES RODRIGUES

**TRADUÇÃO COMENTADA DE GÍRIAS DA CULTURA HIP-HOP:
UMA PROPOSTA DE LEGENDAGEM DO DOCUMENTÁRIO “FRESH
DRESSED”**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marileide Dias Esqueda.

Uberlândia/MG, 01 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marileide Dias Esqueda – UFU

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cristiane Carvalho de Paula Brito – UFU

Examinadora 1

Prof. Dr. Ariel Novodvorski – UFU

Examinador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Marileide, que além de minha orientadora, também me acompanhou durante toda a graduação como minha professora em diversas disciplinas. Não somente a respeito e a admiro por sua inquestionável competência, mas também pela generosidade, companheirismo e paciência que sempre demonstrou a mim e aos meus colegas de curso. Obrigada por não ter me deixado desistir em todas as vezes que duvidei da minha capacidade.

Agradeço imensamente à minha rede de apoio, meus amores, que seguraram a minha mão em todos os momentos difíceis e que celebraram todas as minhas conquistas comigo. Cito-os, por ordem alfabética, para não causar ciúmes: Ana Luisa (e toda a família Ferreira), Laura Couto, Laura Luise, Luís Felipe, Michel, Millena, Pedro e Tainá. A vida vale a pena por vocês e com vocês.

Agradeço a todos os professores e colegas de curso que, de alguma forma, enriqueceram a minha jornada na graduação. Foi um caminho cheio de altos e baixos, mas a experiência na universidade é profundamente transformadora. Abre portas para mundos completamente novos e inexplorados. Guardo com carinho os bons momentos que vivi e o que aprendi com aqueles que cruzaram meu caminho.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia e às políticas de acesso ao ensino público gratuito e de qualidade, como a política de cotas, instituída pela Lei 12.711 e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2012. Ações afirmativas como essa mudam a vida de milhares de pessoas, assim como mudou a minha, que sou fruto da escola pública. A educação é não só um direito, como também um privilégio neste país. E por essa oportunidade, sempre serei grata.

RESUMO

O movimento cultural urbano hip-hop, originado nos Estados Unidos como forma de resistência da juventude periférica, se expressa por meio da música, das artes visuais, da dança e da moda. O universo linguístico que essa cultura cria e perpetua através de seus indivíduos é de extrema riqueza e relevância. Assim, o objetivo geral desta monografia é apresentar uma proposta de tradução do inglês para o português do Brasil de gírias e outras especificidades da cultura hip-hop, levando em consideração a complexidade da carga linguística, cultural e social desses elementos textuais. Para isso, foram selecionados, analisados, traduzidos e comentados trechos do documentário *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015). Dentre eles, oito (8) são exemplos de gírias, dois (2) de AAVE (*African-American Vernacular English*), dois (2) de palavrão e dois (2) de marca de oralidade. Como resultado, as análises pretendem servir como reflexão acerca da tradução de elementos fortemente marcados pela cultura e também pretendem endossar o papel do tradutor na busca por soluções tradutórias conscientes, criativas e transformadoras.

Palavras-chave: Gírias; Hip-hop; Legendagem; Tradução comentada; *Fresh Dressed*.

ABSTRACT

The urban cultural hip-hop movement, which originated in the United States as a form of resistance for peripheral youth, has its expression through music, visual arts, dance and fashion. The linguistic universe that this culture creates and perpetuates through its members is extremely valuable and relevant. Thus, this term paper aims to suggest a translation, from English to Brazilian Portuguese, of slangs and other specificities of hip-hop culture, acknowledging the complexity of the linguistic, cultural and social aspects of such textual elements. In order to achieve this aim, excerpts from the *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015) documentary were selected, analyzed, translated and commented on. Among the examples are eight (8) slangs, two (2) AAVE (African-American Vernacular English) terms, two (2) profanities and two (2) orality marks. As a result, the analyses intend to serve as a study on the translation of elements strongly marked by culture and also intend to endorse the translator's role on the pursuit of conscious, creative and transformative translation solutions.

Keywords: Slang; Hip-hop; Subtitling; Annotated Translation; *Fresh Dressed*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartaz do documentário <i>Fresh Dressed</i>	10
Figura 2 - Definição da gíria “Fresh”	11
Figura 3 - Cena do documentário: gíria “homeboy/homegirl”	23
Figura 4 - Print de tela do <i>Subtitle Edit</i> : exemplo da gíria “hood”	27
Figura 5 - Print de tela do <i>Subtitle Edit</i> : “you know what I’m saying”	35
Figura 6 - Print de tela do <i>Subtitle Edit</i> : “sacou”	35
Quadro 1 - Exemplo da gíria “homeboy/homegirl”	22
Quadro 2 - Exemplo da gíria “fresh”	23
Quadro 3 - Exemplo da gíria “word”	24
Quadro 4 - Exemplo da gíria “threads”	24
Quadro 5 - Exemplo da gíria “rock”	25
Quadro 6 - Exemplo da gíria “homes”	25
Quadro 7 - Exemplo de variação da gíria “fresh”	26
Quadro 8 - Exemplos da gíria “hood”	26
Quadro 9 - Exemplo de AAVE: “you was”	28
Quadro 10 - Exemplo de AAVE: “you rich”	29
Quadro 11 - Exemplos do palavrão “shit”	30
Quadro 12 - Exemplo do palavrão “nigga”	31
Quadro 13 - Exemplos da marca de oralidade “you know what I’m saying”	33
Quadro 14 - Exemplo da marca de oralidade “yo”	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 1.1 Definindo a gíria 1.2 A cultura hip-hop no Brasil e nos Estados Unidos 1.3 Desafio tradutório e a visibilidade do tradutor	14
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	19
CAPÍTULO 3 - TRADUÇÃO COMENTADA DAS GÍRIAS E OUTROS DESAFIOS 3.1 Gírias 3.2 <i>AAVE (African-American Vernacular English)</i> 3.3 Palavrões 3.4 Marcas de oralidade	22
PALAVRAS FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

As gírias são elementos lexicais que possuem relação intrínseca com o contexto extralinguístico, cultural e metafórico. No interior de determinado grupo, as gírias são essenciais na construção do senso de identidade e pertencimento entre seus integrantes. Na cultura hip-hop, essa construção identitária é atravessada por questões sociais, raciais e políticas, uma vez que o movimento tem origens e bases na resistência à opressão e à violência sofrida pelo grupo.

Levando isso em consideração, é possível imaginar o desafio que a Tradução (em letra maiúscula, representando a área de estudo e pesquisa em Estudos da Tradução), e também o tradutor, como agente consciente e criador de sentidos, enfrentam ao lidarem com as gírias, que são elementos tão importantes para a identidade do grupo. Mesmo dispondo de diversos recursos criativos para traduzir as gírias ou quaisquer outros elementos fortemente marcados pelo aspecto cultural, a suavização, ou até mesmo o apagamento de tais elementos linguísticos, são procedimentos tradutórios recorrentes quando se trata de traduzi-los (ESQUEDA, 2012; ARGENTIM e ESQUEDA, 2012).

Um projeto tradutório bem construído, porém, e pensado com consciência e clareza sobre suas premissas e propósitos, é essencial e plenamente possível de ser executado pelo tradutor que se compromete com a importância e o impacto de seu trabalho e com as questões sociais, raciais e políticas. Por isso, as reflexões e conclusões desta monografia pretendem trazer uma breve contribuição para a forma como nós, tradutores, podemos lidar com questões tradutórias que apresentam desafios de maior complexidade, como é o caso das gírias.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é apresentar uma proposta de tradução do inglês para o português do Brasil de gírias da cultura hip-hop, levando em consideração a complexidade da carga linguística, cultural e social desses elementos textuais. Para isso, selecionei, analisei e traduzi trechos do documentário *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015).

Para a construção desse documentário, o diretor Sacha Jenkins entrevistou mais de 70 personalidades, como o editor de moda André Leon Taley e o *rapper* e produtor musical Pharrell Williams, para retratar a influência do hip-hop na moda (e

vice-versa) desde os anos 70 até o momento. Além disso, a obra aborda temas como racismo e discriminação na música.

Figura 1 – Cartaz do documentário *Fresh Dressed*



Fonte: site oficial do documentário¹.

Depois da análise dos trechos selecionados da obra, realizei uma tradução comentada, na qual apresento análises, explicações e fundamentações para as minhas escolhas tradutórias.

O documentário tem duração de 1h30 minutos, e foram selecionadas e traduzidas as expressões em que constam gírias e outros elementos característicos da linguagem da cultura hip-hop. Há um vasto e rico material linguístico passível de análises nesse documentário e, apesar de seu tema ser sobre moda, a peculiaridade

¹ Disponível em: <<https://freshdressedmovie.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

linguística também é, de certa forma, reconhecida por seu diretor, que insere durante a exibição dessa obra fílmica algumas gírias que o público geral estadunidense, que não tem intimidade com a cultura hip-hop, possa ter dificuldade de compreensão.

Figura 2 – Definição da gíria “Fresh”



Fonte: print de tela do documentário².

Assim, para operacionalizar o amplo objetivo geral deste trabalho, delineei os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as gírias da cultura hip-hop no documentário *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015);
2. Seleccioná-las a partir de sua intrínseca relação com a cultura hip-hop;
3. Traduzir, analisar e comentar as escolhas tradutórias para a tradução das gírias.

No âmbito acadêmico e científico, as conclusões desta monografia podem proporcionar uma reflexão acerca da complexidade da tradução entre culturas e realidades extralinguísticas diferentes entre si, além de propiciar uma avaliação geral das estratégias e técnicas tradutórias a serem adotadas na tradução de gírias e, mais amplamente, de quaisquer outros elementos culturalmente marcados. O

² Disponível em: Amazon Prime Video (EN). Acesso em: 10 jan. 2022.

método de tradução aplicado, portanto, será o linguístico-comunicativo, sendo as estratégias compreendidas como uma reflexão acerca de quais técnicas (operacionalização da tradução) puderam ser adotadas (MOLINA; HURTADO ALBIR, 2002), conforme melhor explicarei na metodologia.

No âmbito social, este trabalho pretende contribuir para a visibilidade, preservação e respeito às culturas e grupos sociais marginalizados, especificamente a cultura hip-hop. O movimento surgiu na década de 1970, em Nova Iorque, como uma cultura de resistência às violências vivenciadas por grupos racializados e pobres nas periferias da cidade. É uma “cultura das margens” que ganhou o mundo, mas ao mesmo tempo ainda sofre com o apagamento e a opressão. Por isso, o intuito de propor uma tradução que respeite a complexidade e a riqueza dessa cultura é justamente seguir o caminho inverso da opressão: é valorizar identidades e realidades que desafiam o *status quo* social e cultural.

Como tradutora, entendo o profundo impacto que esta profissão possui na construção de ideologias e do imaginário coletivo da sociedade. A tradução, assim como qualquer outra forma de expressão de uma mensagem, é carregada de ideias e sentidos. Sempre há um contexto, uma intenção e um público envolvidos no processo tradutório. Então, faz sentido para mim que a construção da mensagem imbuída na tradução seja feita de forma consciente. E, portanto, compreender e respeitar a complexidade social, cultural e linguística das gírias da cultura hip-hop vai ao encontro do meu compromisso ético de produzir uma tradução consciente (ESQUEDA, 1999).

Enquanto a ética da igualdade pretende fazer uma retomada do “espírito do texto” e expressá-lo em uma nova língua, evitando ao máximo a interferência do tradutor, a ética da diferença pretende realizar uma “acolhida ao estrangeiro”. Com a intenção de fugir dessas visões tão antagônicas, busco a ética da consciência e da responsabilidade expressa por Esqueda (1999):

A ética a ser seguida pelo tradutor talvez seja aquela que valorize sua experiência enquanto profissional habilitado, instrumentado, ativo e atuante em uma determinada sociedade. Assim, estando eticamente consciente de seu trabalho é que o tradutor pode buscar respeito, não em relação ao original, mas em relação ao ato de traduzir, de interpretar, de recriar, garantindo a si próprio exercer sua atividade com consciência e dignidade. Garantindo, outrossim, sua visibilidade [...]. (ESQUEDA, 1999, p. 54).

Para a autora, mais do que simplesmente reescrever textos de uma língua A em uma língua B, buscando ora valorizar a cultura de partida, ora a cultura de chegada, tradutores têm um papel histórico e social na edificação cultural, com reflexos sobre o fluxo de informações e sobre a construção de conceitos e imagens culturais que fazem parte das sociedades.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Definindo a gíria

A gíria apresenta um desafio não apenas na tradução, mas também em sua definição. O dicionário online Caldas Aulete fornece as seguintes definições:

1. Linguagem peculiar que se origina de um grupo social restrito e alcança, pelo uso, outros grupos, tornando-se de uso corrente (gíria de malandro, gíria peculiar);
2. Linguagem própria de pessoas que exercem a mesma profissão ou atividade (gíria publicitária); JARGÃO
3. Linguajar chulo (AULETE, 2022, GÍRIA).

A partir das definições 1 e 2, é possível identificar o forte marcador social e identitário da gíria. Já na definição 3, há o indicativo de uma das maiores polêmicas desse tipo de elemento textual: o “linguajar chulo” ou o que também pode-se chamar de linguagem tabu. Dentre todos os aspectos que as gírias podem conter, o nível de informalidade e a obscenidade são os aspectos que mais desafiam a norma padrão e o discurso purista que vê a gíria como um elemento pobre e de menor valor linguístico. Porém, ao olhar com mais profundidade para a gíria, encontram-se diversos aspectos complexos que fazem deste um rico componente linguístico, como: informalidade, efemeridade, tecnicidade, vulgaridade, inconvenção, regionalismo, secretismo, humor, musicalidade, agressividade, jocosidade, dentre outros (MATTIELLO, 2009).

1.2 A cultura hip-hop no Brasil e nos Estados Unidos

A questão sobre a gíria que parece ter consenso entre as definições encontradas em dicionários e na literatura da área é o fato de estar sempre relacionada a um grupo social e/ou tema específico. No caso desta monografia, o grupo social em foco é a cultura hip-hop, que possui uma relação íntima com o universo das gírias. Um dos pilares principais e também base inicial da cultura hip-hop é a música, o *rap*, que tem sua poesia carregada de metáforas, neologismos

e gírias. Mas esse arcabouço linguístico não se restringe à música; ele se desdobra, através dos membros dessa comunidade, em todas as outras frentes em que o hip-hop se movimenta, como as artes visuais, a dança e a moda. O documentário que será aqui utilizado como material de tradução e análise, por exemplo, traz a cultura hip-hop através das lentes da moda.

O hip-hop no Brasil partilha dos mesmos princípios de resistência e discurso crítico-social que possui o pioneiro hip-hop estadunidense. E apesar da expansão globalizada, o movimento adquiriu especificidades em cada região do mundo:

Por se tratar de uma manifestação que prioriza o discurso resistente frente à sociedade segregada, o hip-hop tornou-se exclusivo em cada lugar que o adotou como meio de comunicação. Na perspectiva de Richard (2005, p.24), “apesar de ter sua estrutura original formada nos EUA, a cultura do hip-hop é característica de cada nação e o movimento sempre tende a retratar a realidade local”. Leal [2007] partilha da mesma ideia do autor ao afirmar que em cada país o movimento adquiriu uma linguagem própria, de acordo com a realidade ali existente. (POSTALI, p. 10).

1.3 Desafio tradutório e a visibilidade do tradutor

Traduzir um material sobre o hip-hop dos Estados Unidos para o público brasileiro, então, se torna um desafio ainda maior, uma vez que é necessário recriar os sentidos do universo discursivo de um grupo globalizado e, ao mesmo tempo, localizar esse universo na especificidade da realidade local. Mattiello (2009) expõe sobre esse desafio da tradução cultural, especialmente no caso dos problemas diversos e soluções arriscadas que se fazem presentes na tradução de gírias:

Na realidade, as variantes não normatizadas, como as gírias, apresentam vários problemas na transposição cultural e também na fidelidade tradutória. No intercâmbio cultural, é difícil encontrar cenários sociais paralelos (ou seja, situações específicas da cultura, tais como conversas em bares britânicos, letras de canções de rap ou gritos de apoio de torcedores fanáticos de futebol). No intercâmbio linguístico, é difícil encontrar modos de expressão semelhantes (ou seja, repertórios de línguas particulares, tais como idioletos, dialetos, socioletos etc). Além disso, é difícil lidar com variantes não normatizadas, uma vez que são, com frequência, utilizadas

para criar uma gama extremamente rica de efeitos (por exemplo, expressividade, pretensão, atualidade etc), que são visivelmente problemáticos para o tradutor. Devido a isso, o risco que se corre é utilizar-se da normatização, ou seja, suavizar ou mesmo ignorar as variantes e optar por um estilo de linguagem padrão mais racional e neutro.³ (MATTIELLO, 2009, p. 65, tradução nossa).

As problemáticas levantadas por Mattiello são muito pertinentes, porém, é preciso atentar-se para a compreensão do que seja “fidelidade tradutória”, uma vez que esse conceito tende a remeter a uma ideia reducionista e “engessada” de tradução, oriunda da França do século XVII, em que os textos traduzidos eram conhecidos como “as belas infieis”. Para lidar com a complexidade das gírias e tantas variáveis que afetam a construção de sentidos desses elementos textuais, é preciso desprender-se da ideia de fidelidade ao original e encarar o processo tradutório como um movimento que demanda um alto nível de recriação e adaptação.

Frota (1999) mostra como Venuti (1995)⁴, em sua teoria da (in)visibilidade do tradutor, foi um dos pioneiros ao trazer esse novo olhar para a forma como pensamos o processo tradutório e como os fatores “externos” e contextuais, na verdade, estão intrinsecamente ligados ao sistema linguístico:

[...] Venuti baseia-se na ideia, a seu ver já aceita hoje em dia, de que traduzir implica *transformar* o original (1995b:113). Essa forma de conceber a tradução, pressuposto indispensável à construção de sua teoria da visibilidade do tradutor, decorre justamente do enfrentamento teórico de diferenças de sentido determinadas por contextos “sociais e externos” (Ibidem, p.115). Assim sendo, a teoria de Venuti trabalha com diferenças que se constituem como diferenças discursivas relacionadas a conflitos e

³ *In actual fact, non-standard varieties such as slang pose various problems in cultural transition and faithful translation as well. Cross-culturally, it is difficult to find parallel social sets (i.e. culture-specific situations such as British pub conversation, rap song lyrics or hooligan fans' yells of support). Cross-linguistically, it is difficult to find similar modes of expression (i.e. repertoires of private languages such as idiolects, dialects, sociolects, etc.). Furthermore, it is difficult to cope with non-standard varieties, as they are often used to create an extremely rich range of effects (e.g. expressiveness, pretentiousness, faddishness, etc.), which are overtly problematic for the translator. The resulting risk is standardization, i.e. to background or even ignore varieties, and opt for a more rational, neutral style of standard language.*

⁴ A obra *The translator's invisibility*, de Lawrence Venuti (1995), foi recentemente traduzida por Marileide Esqueda et al e publicada, em 2021, pela editora da Unesp. Utilizo, no entanto, os pensamentos do autor por meio da obra de Frota (1999). <https://editoraunesp.com.br/catalogo/9786557110249.a-invisibilidade-do-tradutor>.

interesses de classe. Essas diferenças de significação, para além daquelas entre signos de línguas distintas entre si, mas em si consideradas homogêneas, vão também além, segundo ele, de diferenças de sentido que envolvem "apenas uma mudança em um contexto semiótico e interno" (Ibid., p.115). (FROTA, 1999, p. 67-68).

Então, partindo do pressuposto de que a língua não é um sistema fechado e homogêneo, mas sim essencialmente "determinada por contextos 'sociais e externos'" e que, por isso, a tradução necessita de um alto nível de transformação do original, o nível de intervenção e responsabilidade decisiva exigidos do tradutor também será igualmente alto. Quanto mais alto o nível de adaptação e recriação, mais decisões o tradutor deverá tomar e mais deverá se responsabilizar pelo processo consciente de construção de sentidos. Frota (1999) também destaca como Venuti (1995) traz essa ideia do tradutor como um agente ativo no "jogo entre os significantes":

Sua visão de tradução rejeita qualquer ideal de "igualdade linguística entre original e tradução", definindo-a como um "processo de decisões" interpretativas que exige a "intervenção ativa do tradutor". Este realiza tanto "a escolha de uma mensagem" a partir da "cadeia de significantes fornecida pelo autor estrangeiro", quanto a escolha de uma outra cadeia de significantes. Essas escolhas são impostas ao tradutor, como "jogadas em um jogo", pelo "excesso de significação" ou "deslizamento de significado" que advêm do jogo entre os significantes (Ibid, p. 113). (FROTA, 1999, p. 68).

A visão de Frota (1999), assim como a minha, está de acordo com o que nos esclarece Venuti (1995). Embora o tradutor deva fazer suas escolhas tradutórias de forma consciente e responsável, é importante ressaltar o fator subjetivo ou, como mencionado por Frota (1999), interpretativo. Não somente a língua é atravessada e conduzida pelo seu contexto, mas também o próprio tradutor, que têm sua subjetividade moldada por toda sua bagagem cultural, social e histórica. Ou seja, o tradutor é, antes de tudo, leitor.

Nas palavras de Arrojo (2007): "[...] todo leitor ou tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas

circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social.” (ARROJO, 2007, p. 38).

Em suma, dada a complexidade do desafio de traduzir as gírias da cultura hip-hop, esta monografia se apoia nesse breve arcabouço teórico que endossa a liberdade do tradutor, ao mesmo tempo em que o responsabiliza pelas decisões tradutórias que construirá a cadeia de sentidos do texto traduzido.

Após o estabelecimento dessa fundamentação sobre o que são as gírias, o que é a cultura hip-hop e o que as gírias representam dentro da cultura hip-hop, é possível afirmar que as questões de complexidade linguística, social e cultural implicadas na tradução desses itens lexicais estão presentes não somente no contexto da língua de partida (inglês dos Estados Unidos), mas também no contexto de chegada (português do Brasil).

Levando em consideração que a motivação maior desta monografia é a liberdade criativa do tradutor e o respeito e a valorização da cultura hip-hop, posso, então, me debruçar sobre as seguintes questões centrais: como traduzir as gírias da cultura hip-hop de forma a compreendê-las em sua complexidade no contexto estadunidense, mas também com liberdade e responsabilidade o suficiente para recriá-las no contexto do hip-hop brasileiro? Como respeitar a complexidade da carga linguística, cultural e social desses elementos textuais ao mesmo tempo em que estes são recriados em uma nova realidade extralinguística?

Essas questões centrais foram norteadoras do meu processo de tradução neste trabalho. Adianto que encontrei grandes desafios e surpresas durante a tradução dos trechos que analiso e comento mais adiante. Contudo, após esse processo, reafirmo a ideia de que o tradutor dispõe de diversas estratégias e técnicas tradutórias capazes de dar conta dessa recriação de significados e da solução para as questões que são levantadas em desafios como esse.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Nesta monografia, adoto as perspectivas da pesquisa descritiva, de análise textual e que conta com a metodologia da tradução comentada. Sobre essa última:

A problemática referente à tradução comentada começa em sua designação: realizar uma tradução comentada seria explicá-la, explicitando os procedimentos e estratégias adotados? Seria criticá-la, analisando-a de maneira aprofundada e apresentando seus fundamentos teóricos e epistemológicos? Seria complementá-la, arrematando-a, por acréscimos enciclopédicos, históricos ou contextuais? E de que modo? Qual sua forma? Qual sua função? Qual sua natureza? Haveria um consenso entre tradutores, pesquisadores ou editores sobre o que seria uma tradução comentada? (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR; 2015, p. 332).

Fica claro que a tradução comentada ainda não é um gênero textual bem delimitado. Não há consenso nem mesmo a respeito da nomenclatura em si, sendo comum sinônimos do tipo: tradução comentada e tradução anotada. São várias as formas utilizadas para construir esse tipo de texto – o que deixa o processo mais livre para o tradutor, mas também passível de incoerências e contradições.

A delimitação sobre as especificidades da tradução comentada podem ser instáveis até então, mas a oportunidade que esse tipo de metodologia nos oferece deve ser reconhecida e, sem dúvidas, justifica sua importância: “Ademais, como lembram Williams e Chesterman [2002], ‘a importância de tais pesquisas [envolvendo traduções comentadas] reside na contribuição do aumento da autoconsciência para a qualidade da tradução’.” (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR; 2015, p. 349).

Considerando a natureza acadêmica e argumentativa desta monografia, a tradução comentada me servirá como uma forma não somente de explicar, mas também de defender minhas escolhas tradutórias.

Para construir a tradução comentada, foram seguidas as seguintes etapas:

- Com fins estritamente acadêmico-científicos e respeitando todos os direitos autorais do documentário *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015), foi feita a extração das legendas em inglês da plataforma de *streaming* Amazon

Prime, através do acesso ao código-fonte do site. Foi necessária a utilização de VPN para acesso ao catálogo dos Estados Unidos, no qual o documentário está disponível;

- Os trechos do documentário em que os elementos culturalmente marcados apareciam foram identificados no arquivo de legenda (.srt) e tabelados em um documento Word, sinalizando cada elemento a ser, posteriormente, analisado;
- Foram encontradas 171 ocorrências linguísticas da cultura hip-hop, dentre elas gírias (140), palavrões (12), *AAVE* (10) e marcas de oralidade (9);
- Depois, foi feita a tradução das ocorrências para o português (BR), utilizando o software gratuito *Subtitle Edit*;
- Após a tradução, os trechos traduzidos foram dispostos na tabela do Word, em cotejo com as legendas originais, para fins de análise e exemplificação;
- Para a tradução comentada, houve a necessidade de selecionar os trechos a serem apresentados nesta monografia por questões de espaço;
- Os comentários sobre cada segmento traduzido e selecionado foram feitos em forma de texto corrido, fora da tabela, com base na fundamentação teórica da pesquisa. Além de 8 exemplos de tradução das gírias, selecionei 2 exemplos de *AAVE* (*African-American Vernacular English*), 2 exemplos de palavrão e 2 exemplos de marca de oralidade, razão que me fez intitular o próximo capítulo de “Tradução comentada das gírias e outros desafios”.

Assim, a partir da metodologia de tradução comentada, busco relatar minhas tomadas de decisão quanto às técnicas utilizadas concretamente na tradução do documentário.

Embora irei relatar as técnicas de tradução utilizadas, ressalto que utilizo, dentre os métodos de tradução, que podem ser descritos como (1) interpretativo-comunicativo, (2) literal, (3) livre ou (4) filológico, o primeiro, isto é, o (1) interpretativo-comunicativo, que permite as transformações tradutórias

necessárias que implemento nesta monografia para comunicar o sentido que compreendo fazer parte do conteúdo da cultura hip-hop em tela.

Já o (2) método literal, como o nome deixa parecer, busca reproduzir palavras de uma língua para a outra e é bastante utilizado em traduções bíblicas, para fins de estudo das palavras; (3) o método livre alude a modificações de conteúdo (como no caso de adaptações livres de obras ou para filmes); e o (4) método filológico, que alude às traduções eruditas e críticas.

Em se tratando das estratégias de tradução ou soluções para os problemas tradutórios, elas variam de acordo com o método. Minha estratégia foi, como já antes expliquei, buscar formas de valorizar as características da cultura hip-hop nascida nos Estados Unidos, mas também presentes no Brasil, de acordo com as interpretações que realizo.

Com relação às técnicas de tradução (comumente referenciados como procedimentos técnicos de tradução), irei elencá-las a seguir, conforme as necessidades do material e do método linguístico-comunicativo adotados.

Na qualidade de uma ciência, a Tradução possui seus próprios métodos, estratégias e técnicas, que revelam, inevitavelmente, a postura global adotada pelo tradutor. De forma mais específica, e nas palavras de Molina e Hurtado Albir (2002), as técnicas de tradução servem para analisar e classificar como funciona a equivalência tradutória. As autoras as definem em cinco características: “1) elas afetam o resultado da tradução; 2) são classificadas em comparação com o original; 3) atingem as microunidades do texto; 4) são de natureza discursiva e contextual; e 5) são funcionais” (MOLINA; HURTADO ALBIR, 2002, p. 509).

CAPÍTULO 3 - TRADUÇÃO COMENTADA DAS GÍRIAS E OUTROS DESAFIOS

Antes de me aprofundar nos desafios tradutórios encontrados no documentário *Fresh Dressed*, é essencial ressaltar que o universo linguístico da cultura hip-hop é extremamente rico e complexo. As gírias são os elementos de maior volume e destaque neste trabalho, porém estenderei a análise a outros elementos que identifiquei na obra e que também julgo serem importantes: Inglês Vernáculo Afro-Americano (*African-American Vernacular English*), palavrões e marcas de oralidade.

Analisando a complexidade e importância desses aspectos linguísticos singulares, pretendo corroborar minha proposta de tradução libertadora, que rompe com o pacto da tradução padronizada a todo custo. Pacto esse que acaba suavizando ou censurando elementos linguísticos em prol de uma legendagem altamente formal e, por vezes, distante da intenção do material em questão.

3.1 Gírias

A seguir, apresento alguns dos desafios que encontrei no documentário *Fresh Dressed*, em forma de cotejo entre legenda-fonte e legenda-alvo, com a adição dos comentários sobre cada gíria.

Quadro 1 – Exemplo da gíria “homeboy/homegirl”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:00:47,090		
00:00:48,091	This <u>homeboy</u> , this <u>homegirl</u> ,	Esse <u>mano</u> e essa <u>mina</u> na cena.
00:00:48,135	on the spot.	
00:00:49,919		

Fonte: a autora

“Homeboy/homegirl” é uma forma de chamar um amigo ou alguém que você tenha alguma afinidade/identificação, como por exemplo, um conhecido da vizinhança ou uma pessoa que faça parte do mesmo grupo social que você - como é o caso dos interlocutores nesta cena do documentário. Uma gíria do português que, a meu ver, apresenta equivalência é “mano/mina”, pois assim como no inglês (“homeboy/homegirl”), é uma gíria muito difundida no Brasil e igualmente evidencia afinidade/identificação entre os interlocutores.

Figura 3 – Cena do documentário: gíria “homeboy/homegirl”



Fonte: print de tela do documentário⁵.

Quadro 2 – Exemplo da gíria “fresh”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:00:57,840 00:01:00,321	You all look kind of <u>fresh</u> .	Vocês estão <u>nos</u> <u>panos</u> .

Fonte: a autora.

⁵ Disponível em: Amazon Prime Video (EN). Acesso em: 10 jan. 2022.

O termo que dá nome ao documentário, “fresh”, significa estar bem vestido, estiloso. Na cultura hip-hop brasileira, os termos mais usados nesse sentido são “nos pano(s)” e “trajado”. Ambos os termos são muito recorrentes em letras de músicas, por exemplo: “*Nike no pano, trajado, vou embrazar*” (Sonho Dos Cria - Felipe Ret part. MC Poze do Rodo - Prod. Nagalli). Assim, optei por utilizar “nos panos”, pois é uma gíria mais consolidada do que “trajado”, que é uma gíria mais recente no hip-hop.

Quadro 3 – Exemplo da gíria “word”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:01:06,066		
00:01:08,111	- What do you call the fashion overall?	-Como você define o estilo?
00:01:08,155	- <u>Fresh</u> . - <u>Word. Word</u> .	- <u>No pano</u> . - <u>Pode crer</u> .
00:01:10,940		

Fonte: a autora.

“Word”, quando usado como gíria, tem a função de concordar com o que foi dito por outra pessoa. É uma forma curta de dizer “você tem razão”. Na gíria brasileira, termos apropriados seriam “falou” ou “pode crer”. Pelo uso diverso do primeiro (também utilizado ao se despedir de alguém), optei pelo uso de “pode crer”, para evitar ambiguidades.

Quadro 4 – Exemplo da gíria “threads”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:01:12,855		
00:01:14,378	What about your look? How do you describe it?	E o seu visual? Como você define?
00:01:14,422	I call it, you know, B-boy <u>threads</u> in a way.	É tipo um <u>traje</u> de B-boy.

00:01:16,250		
--------------	--	--

Fonte: a autora.

“Threads” é um termo informal para roupas, apresentando o mesmo sentido que “pano” ou “traje”, em português. Optei por “traje” na tradução de “threads” para manter a consistência terminológica de “nos panos” como equivalente de “fresh”.

Quadro 5 – Exemplo da gíria “rock”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:01:22,169	How do you <u>rock</u> your hat, man?	Como você <u>porta</u> seu chapéu, cara?
00:01:23,257		

Fonte: a autora.

A gíria “rock” tem uma infinidade de usos e possíveis traduções. É um termo, inclusive, muito utilizado também fora da cultura hip-hop. Porém, dentro do universo dessa cultura, o termo tem o sentido de vestir com estilo, ou na gíria do hip-hop brasileiro, “portar”: “*Um artista versátil / Portando Versace*” (Olho de Tigre - Djonga).

Quadro 6 – Exemplo da gíria “homes”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:01:24,388	I sport it <u>fresh</u> , <u>homes</u> .	Eu visto <u>nos</u> <u>panos</u> , <u>maninho</u> .
00:01:25,824		

Fonte: a autora.

“Homes” é uma variação abreviada de “homeboy”. Tendo em vista que não seria possível abreviar ainda mais a palavra “mano”, optei pelo diminutivo “maninho”. Assim, foi possível manter a consistência tradutória de “homeboy” para “mano”, mas também apresentar uma variação semelhante a “homes”.

Quadro 7 – Exemplo de variação da gíria “fresh”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:01:45,017	<p><u>Being fresh</u> is more important than having money.</p>	<p><u>Vestir os panos</u> é mais importante do que ter dinheiro.</p>
00:01:48,151		

Fonte: a autora.

Neste caso, a gíria “fresh” se torna um termo composto junto ao verbo *to be*. Em português, preferi usar o verbo “vestir” em vez do verbo “estar”, pois a primeira opção, quando colocada na expressão completa (“vestir os panos”), pode soar mais natural para o brasileiro e pode ajudá-lo a assimilar melhor a gíria “panos” como roupa/vestimenta.

Quadro 8 – Exemplos da gíria “hood”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:40:00,659	<p>The music came and put a light on us,</p>	<p>A música nos colocou em foco.</p>
00:40:02,791		
00:40:02,835	<p>where we'd been dressing in the <u>hood</u>.</p>	<p>E o que a gente vestia na <u>quebrada</u>.</p>
00:40:05,272		
00:40:05,315	<p>But without hip-hop, there was no light looking in the <u>hood</u></p>	<p>Mas sem o hip-hop, as merdas que a gente vestia não importavam, sacou?</p>
00:40:08,928	<p>to see what the fuck you got on.</p>	
00:40:08,971	<p>You know what I'm saying?</p>	
00:40:12,453		

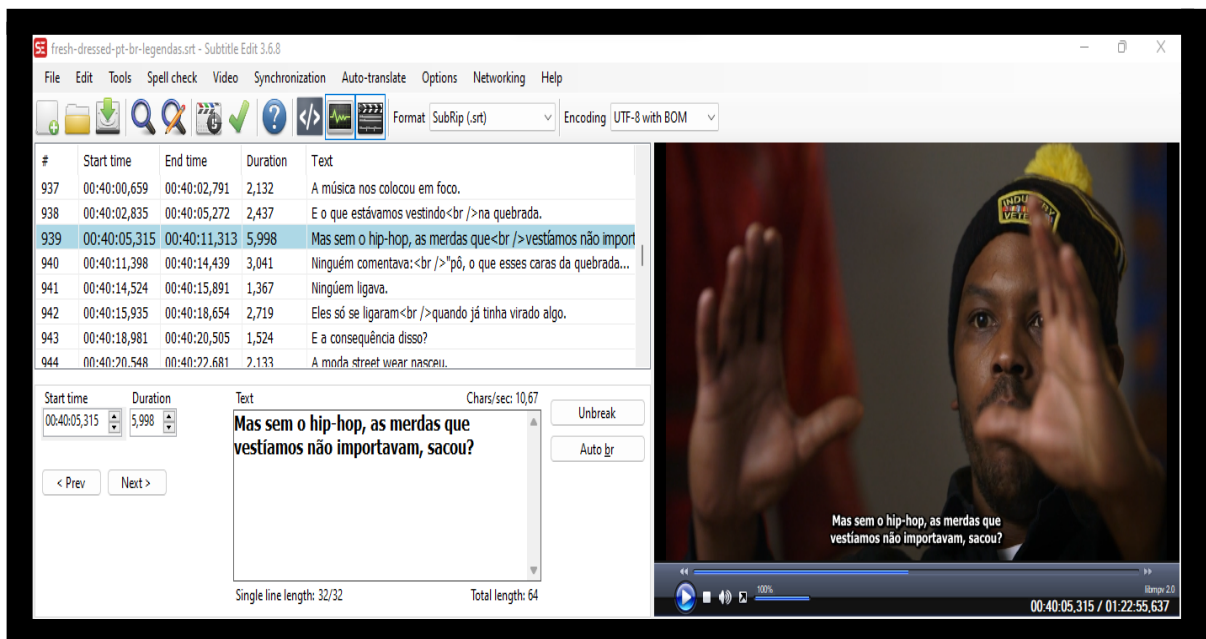
Fonte: a autora.

“Hood” é uma gíria que provém da abreviação da palavra “neighbourhood”,

em português, “vizinhança”. Então, um termo que possui equivalência com a informalidade de “hood” seria “quebrada”, que é como normalmente se chamam as vizinhanças periféricas do Brasil.

No exemplo ora mencionado, nota-se que a segunda ocorrência da gíria foi omitida, pois o limite de caracteres da legenda impôs uma decisão sobre o que seria mantido, conforme os parâmetros Netflix configurados no software de legendagem que utilizei (que também é utilizado em nossas aulas de Tradução Audiovisual e Tradução para o Cinema do Curso de Bacharelado em Tradução da UFU).

Figura 4 – Print de tela do *Subtitle Edit*: exemplo da gíria “hood”



Fonte: a autora.

Então, privilegiei a manutenção dos demais elementos culturalmente marcados da frase (o palavrão “what the fuck you got on” e a marca de oralidade “you know what I'm saying”). Como o termo “hood”/“quebrada” já havia sido citado anteriormente na legenda, creio não haver prejuízo de conteúdo ou apagamento cultural.

3.2 AAVE (*African-American Vernacular English*)

O dialeto AAVE (*African-American Vernacular English* ou, em português, Inglês Vernáculo Afro-Americano), desde suas origens, é usado por grupos

eticamente marginalizados, e os indivíduos da comunidade hip-hop que falam a língua inglesa se identificam com esse dialeto, incorporando-o à cultura deles.

No Brasil, não há um dialeto reconhecido e amplamente aceito que seja equivalente ao *AAVE*. Há variações linguísticas que fogem da norma padrão do português, é claro, mas esse uso, na maior parte das vezes, ocorre na comunicação informal e/ou na linguagem oral, falada. Na forma escrita e, principalmente, quando tratamos de legendagem, há uma resistência maior, tanto por parte das empresas que contratam ou fornecem serviços de legendagem, quanto por parte do público-alvo em aceitar transgressões em relação à norma padrão da língua portuguesa. Assim, a variação lexical, como o uso de gírias, parece ser uma flexibilização mais viável do que a subversão das regras gramaticais.

Uma tradução literal dos “erros” gramaticais intencionais do *AAVE* podem soar como erros não intencionais ao interlocutor brasileiro, uma vez que não estão habituados às especificidades desse dialeto. Então, a estratégia que adotei foi a da compensação: onde há a marca gramatical do *AAVE*, incluí marcas lexicais, como as gírias, para evitar utilizar um “erro” gramatical que pudesse parecer um descuido meu aos olhos do espectador. Como antes mencionei, darei 2 exemplos de como traduzi as ocorrências do *AAVE*.

Quadro 9 – Exemplo de *AAVE*: “you was”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:02:31,890		
00:02:33,370	You wanted everybody to know	Você queria que soubessem que você estava envolvido <i>no</i>
00:02:33,414	that <i>you was</i> down with this movement.	<i>bagulho.</i>
00:02:35,198		

Fonte: a autora.

A inflexão de número e pessoa no verbo auxiliar (*was/were*) é uma característica gramatical do *AAVE*. Neste caso, o que seria “you were” no inglês padrão, é colocado como “you was”. À primeira vista, pode parecer um simples erro gramatical, mas quando analisado pelas lentes do *AAVE*, fica evidente ser uma

construção sintática intencional e habitual.

Como não há no Brasil um dialeto paralelo às especificidades do AAVE, recriar o “erro” gramatical poderia levar o espectador brasileiro a interpretá-lo como não intencional. Portanto, o marcador gramatical do AAVE (“you was”) será compensado por um marcador lexical em português, isto é, a gíria “bagulho”.

Quadro 10 – Exemplo de AAVE: “you rich”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:36:43,549		
00:36:46,204	And the thing with the Polo was they didn't sell it	Essa é a questão: não vendiam Polo na quebrada.
00:36:46,247	in no ghettos or your local,	
00:36:49,859	you know, stores in your neighborhood,	Não tinha na favela, nem nas lojas da vizinhança.
00:36:49,903	and you had to go to the high-end stores	
00:36:52,079		
00:36:52,122	on Fifth Avenue and all that,	Você tinha que ir nas grifes da Quinta Avenida para comprar.
00:36:53,602		
00:36:53,646	so if you went and you got some of that stuff	Se <u>portasse</u> esse tipo de coisa, você ostentava na quebrada.
00:36:55,343	and you came back in the hood,	
00:36:55,387	<u>you was</u> , like-- <u>you rich</u> .	
00:36:58,781		

Fonte: a autora.

A omissão do verbo *to be* é outra característica gramatical importante do AAVE. No exemplo acima, o que seria “you are rich” no inglês padrão se torna “you

rich” no dialeto AAVE. Além disso, a construção “you was”, já analisada no exemplo do Quadro 9, aparece novamente neste trecho. Para compensar essas ocorrências gramaticais, optei por inserir a gíria “portar”.

3.3 Palavrões

É importante constatar que nem sempre os palavrões são usados como ofensa, mas sim como intensificador da mensagem expressa (ESQUEDA, 2012). E que sendo ofensivo ou não, defendo manter o palavrão na tradução, pois é um aspecto importante do material. Acredito que não seja função da tradução amenizar ou censurar termos com a justificativa de não expor o público-alvo à linguagem obscena, pois é função, a meu ver, do Sistema de Classificação Indicativa definir qual público estaria apto a essa exposição.

Quadro 11 – Exemplos do palavrão “shit”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:31:33,892	The way the whole fat lace <u>shit</u> started	Começamos a <u>porra</u> dos cadarços largos
00:31:35,763		tirando-os dos tênis originais.
00:31:35,806	was we used to take laces	
00:31:37,504		Eram de marcas como Pro-Keds ou Converse.
00:31:37,547	that came with the shoe, like Pro-Keds or Converse,	
00:31:40,855		Esticávamos ⁶ os cadarços <u>pra caralho</u>
00:31:40,899	stretch <u>the shit out of</u> them,	e colocávamos goma.
00:31:42,726	starch them with starch,	Depois, passávamos com

⁶ "Esticávamos" poderia parecer menos informal que "a gente esticava", mas essa segunda opção, no entanto, aumenta bastante o número de caracteres, daí a preferência por "Esticávamos".

00:31:42,770		ferro.
00:31:45,468	and iron them. It was a ritual.	Era um ritual que durava quase meia hora.
00:31:45,512	It took, like, a half hour.	
00:31:47,470		
00:31:47,514		
00:31:48,732		

Fonte: a autora.

A língua portuguesa é extremamente rica em expressões, chulas ou não, para imprimir intensidade à mensagem expressa. Portanto, o palavrão “shit” possui diversas opções de tradução para o português. Nesse caso, deixei de lado o critério da consistência terminológica para privilegiar o tipo de intensidade que o trecho pretende tornar evidente, aproveitando a gama de expressões que o português nos oferece. Assim, nos exemplos acima, é possível ver duas variações na tradução de “shit”: “porra” e “pra caralho”.

Quadro 12 – Exemplo do palavrão “nigga”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:32:59,455	<u>You wasn't</u> just a regular <u>black kid</u> rocking Polo,	Não era só um <u>pretinho</u> portando Polo.
00:33:01,849		
00:33:01,892	but we saw those things like New Balance, Members Only--	A gente via marcas como New Balance e Members Only.
00:33:05,461		
00:33:05,505	if there was a <u>nigga</u> in the hood rocking that,	Se um <u>preto</u> portasse isso na quebrada, é porque ele viu

00:33:07,289	it's 'cause he saw them rocking it	eles usando.
00:33:07,333	and then made it his own style	Mas colocou seu estilo e trouxe pra quebrada.
00:33:09,813		E outros começaram a copiar.
00:33:09,857	and brought it in the hood, and then other folks emulated that.	
00:33:12,077		
00:33:12,120		
00:33:16,472		

Fonte: a autora.

O uso do termo “nigga” é tão polêmico entre os falantes da língua inglesa quanto no Brasil com os termos “preto” e “negro”/“nego”. Em ambos os cenários, há uma história parecida: os termos foram criados por pessoas brancas como forma pejorativa de se referir às pessoas negras. Porém, grande parte da comunidade negra se apropriou do termo e ressignificou seu uso, utilizando-o de forma não pejorativa. Uma parcela menor da comunidade ainda questiona o uso. Mas há uma unanimidade, dentro e fora da cultura negra: pessoas brancas que usam o termo, mesmo sem a intenção de ofender, é considerado ofensivo.

Por essa razão, acredito que o tradutor deve ter um cuidado redobrado no uso do termo e avaliar, caso a caso, a necessidade da utilização no material em questão. Nos exemplos de tradução acima, a fala no documentário é de um homem negro, da comunidade hip-hop, que claramente faz o uso de gírias e do termo “nigga” sem o teor pejorativo. Portanto, optei por utilizar termos equivalentes em português.

Na primeira inserção de “pretinho”, não havia o termo “nigga” na legenda original, mas sim “black kid” e o uso de *AAVE* na construção gramatical “you wasn’t” (que na norma padrão inglesa seria “you weren’t”). Então, inseri uma gíria para compensar o *AAVE* e também observei que os falantes da comunidade negra e do

hip-hop brasileiro utilizam muito o termo “pretinho” como forma não ofensiva para se chamar um jovem ou uma criança negra: “*Num clima quente, a minha gente sua frio / Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil*” (Negro Drama - Racionais MC's).

No ocorrência de “nigga” na legenda-fonte, cogitei duas traduções para o termo: “nego” ou “preto”. Ambas são muito usadas nas letras de rap do Brasil e pelos membros da comunidade hip-hop, porém, por receio do espectador do documentário interpretar “nego” como um erro gramatical de “negro”, optei pelo uso de “preto”. Creio que esta escolha é igualmente precisa na tradução, pois é um termo muito utilizado também: “*Preto zica, truta meu, disse assim: / 'lh truta, mó fita!*” (Preto Zica - Racionais MC's part. DJ Cia).

3.4 Marcas de Oralidade

Algumas marcas de oralidade⁷ são características da linguagem da cultura hip-hop. Normalmente, cortam-se esses elementos das legendas, mas acredito ser importante mantê-las, quando possível e quando não ultrapassar o limite de caracteres estipulados para as legendas (que no estilo Netflix somam cerca de 42 caracteres por linha), ou não aumentar muito o tempo de leitura da legenda.

A seguir, adoto a tradução “sacou” para os exemplos em que a marca de oralidade “you know what I’m saying” aparece no documentário:

Quadro 13 – Exemplos da marca de oralidade “you know what I’m saying”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:03:19,199	we--once we put it on,	
00:03:20,678	It's a whole different story.	Quando a gente se veste assim, é outra história, <u>sacou</u> ?
00:03:20,722	<u>You know what I'm saying?</u>	
00:03:22,289		

⁷ Poderíamos pensar que tudo seria oralidade em um documentário televisivo transmitido oralmente. Mas isso talvez pudesse se transformar em uma generalização nesta monografia. Estamos diante de de elementos específicos que só aparecem, no entanto, no discurso oral do hip-hop, que “denunciam” tratar-se de uma cultura específica.

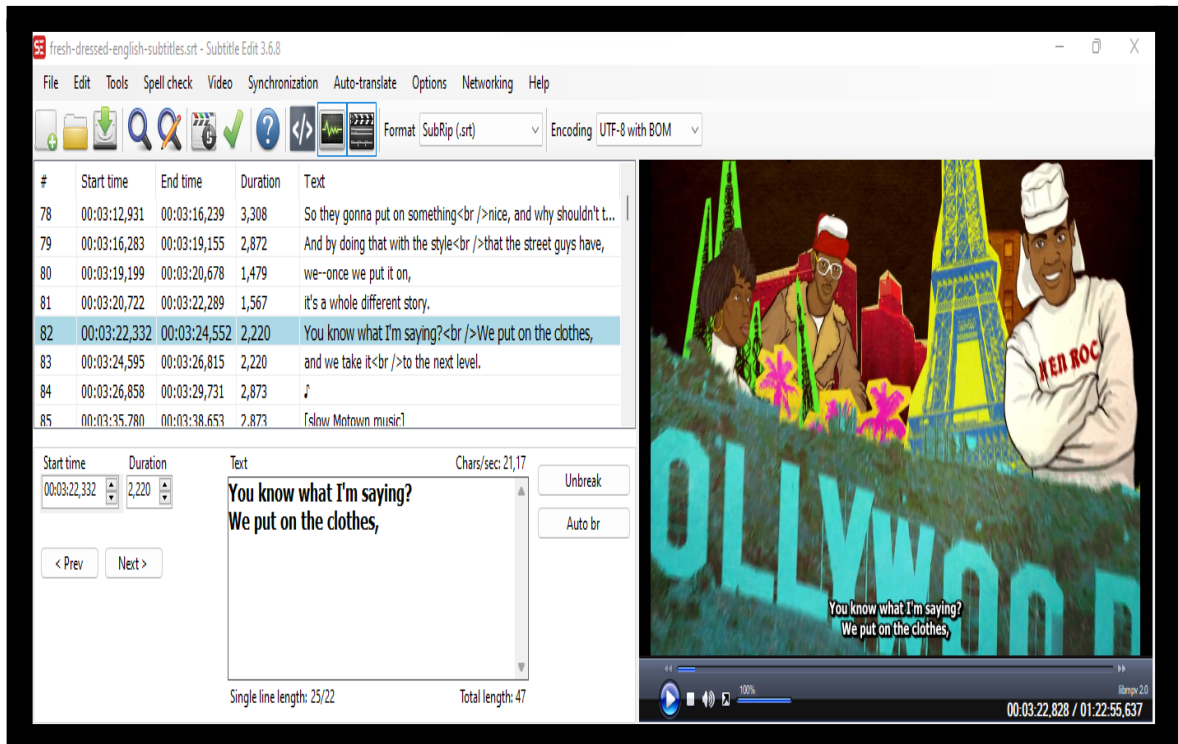
00:03:22,332		
00:03:24,552		
00:24:26,377	People who could afford it	Quem podia, comprava do Dap em vez de Louis Vuitton, <u>sacou?</u>
00:24:28,379	were going to Dap	
00:24:28,423	instead of Louis.	
00:24:31,731	<u>You know what I'm saying?</u>	
00:40:05,315	But without hip-hop, there was	Mas sem o hip-hop, as merdas que a gente vestia não importavam, <u>sacou?</u>
00:40:08,928	no light looking in the hood	
00:40:08,971	to see what the fuck you got on.	
00:40:12,453	<u>You know what I'm saying?</u>	

Fonte: a autora.

A expressão “you know what I’m saying” serve como um enfatizador da mensagem expressa, como se chamasse a atenção do interlocutor para o que está sendo dito: “entende o que estou dizendo?”. Essa é uma idiosincrasia muito comum na fala dos indivíduos da comunidade hip-hop, como é possível observar pelo número relevante de ocorrências idênticas (oito, ao todo) durante o documentário.

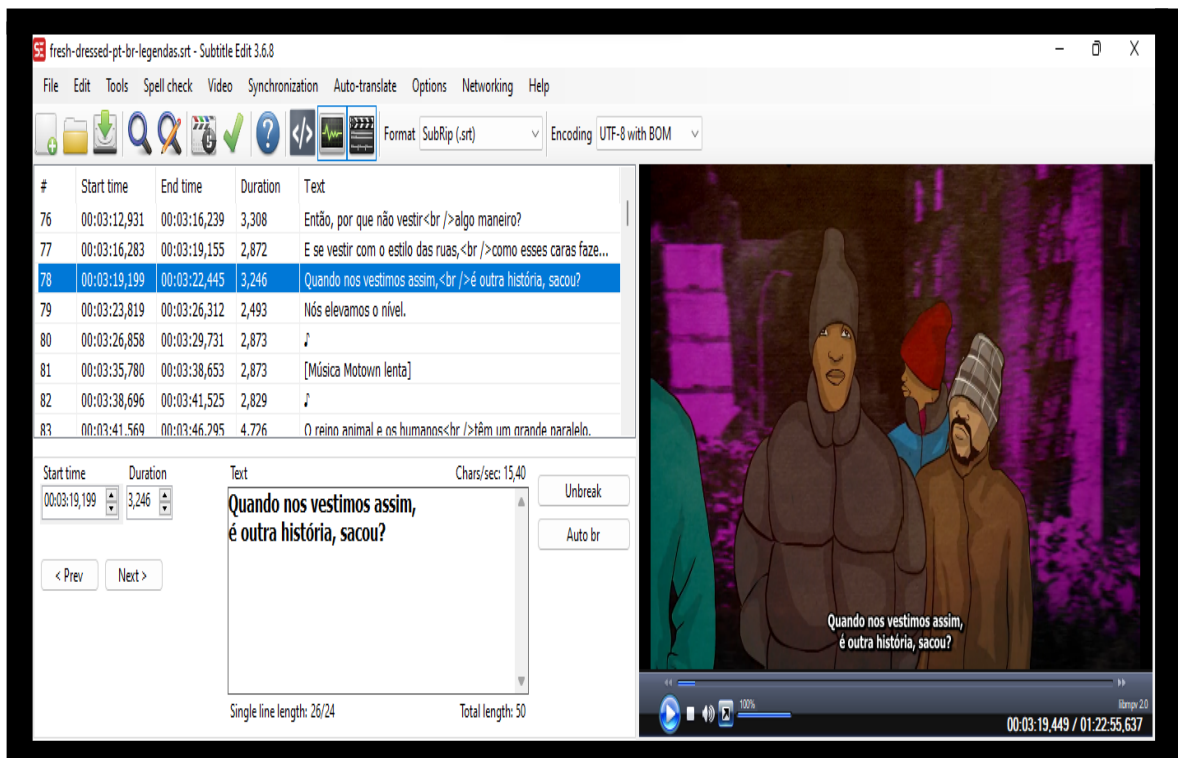
Levando em consideração o nível de informalidade da expressão e também a contenção do uso de caracteres na legenda, optei pela simples expressão em português “sacou”. Além de manter a relevante marca de oralidade, não houve prejuízo no tempo de leitura da legenda para o espectador ao substituir os 24 caracteres de “you know what I’m saying” por apenas cinco de “sacou”.

Figura 5 – Print de tela do *Subtitle Edit*: “you know what I’m saying”



Fonte: a autora.

Figura 6 – Print de tela do *Subtitle Edit*: “sacou”



Fonte: a autora.

Outra marca de oralidade encontrada é o termo “yo”. Vejamos o exemplo:

Quadro 14 – Exemplo da marca de oralidade “yo”

MINUTAGEM	LEGENDA-FONTE	LEGENDA-ALVO
00:40:12,106 00:40:14,281	Nobody was--"Yo, what these folks in the hood"--	Ninguém comentava: "pô, o que esses caras da quebrada..."

Fonte: a autora.

A interjeição “yo” é ostensivamente usada pelos membros da cultura hip-hop, podendo ser usada, junto de uma sentença ou não, para expressar uma gama de emoções: surpresa, raiva, deboche, alegria etc. A interjeição “pô”, uma abreviação em português de “porra”, tem um uso muito similar e equivalente ao “yo”.

Ambas as interjeições são curtíssimas (apenas dois caracteres) e dão ênfase importante à mensagem expressa pelo interlocutor. Então, por esses motivos, decidi manter a marca de oralidade.

Vistos todos os exemplos e quadros apresentados até então, acredito que essas escolhas são coerentes com meu projeto de tradução. Acima da ideia datada e rígida de fidelidade, *ipsis litteris*, ao original, coloco a minha intenção de fazer jus ao material e às características linguísticas da cultura hip-hop. A valorização identitária e o não pagamento cultural foram o meu norte nestas traduções.

PALAVRAS FINAIS

Neste trabalho monográfico, busquei analisar alguns dos desafios que o tradutor pode encontrar no desempenho de suas atividades na tradução de gírias e outros desafios linguísticos do documentário *Fresh Dressed* (Cable News Network, 2015), colaborando com aportes teóricos e práticos que podem servir de apoio para se pensar em traduções inovadoras.

Através dos diversos exemplos e análises desta pesquisa, pôde ser observado que o movimento hip-hop faz parte de um universo cultural extremamente rico e relevante. Durante o processo de tradução, encontrei 171 ocorrências linguísticas da cultura hip-hop, dentre elas gírias (140), palavrões (12), AAVE (10) e marcas de oralidade (9). Ao lidar com esses desafios tradutórios, acredito que consegui atingir as questões centrais levantadas neste trabalho: compreender e traduzir as gírias da cultura hip-hop, levando em consideração sua complexidade no contexto estadunidense, mas também responsabilizando-me por uma recriação no contexto do hip-hop brasileiro que respeitasse a complexidade da carga linguística, cultural e social desses elementos textuais.

Uma série de desafios de natureza linguística e técnica demonstraram o quanto é importante que tradutores desenvolvam variadas competências, não só para lidar com softwares para a manipulação dos arquivos de legendas, mas para compreender a maneira como elas podem impactar o público brasileiro. Com esses conhecimentos, o tradutor terá um melhor entendimento da importância de uma tradução consciente, que valorize o material em questão.

Além disso, o trabalho realizado ressalta a importância do desenvolvimento da capacidade de solucionar problemas de forma criativa, contribuindo para a visibilidade da tradução e do tradutor. Dessa forma, os espectadores terão acesso a experiências de qualidade, divertidas e compatíveis com suas expectativas e com a cultura hip-hop nacional e dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

ARGENTIM, Jéssica P.; ESQUEDA, Marileide Dias. A tradução para o inglês das variantes dialetais em *Lisbela e o Prisioneiro*. **Tradução e Comunicação**, n. 24, p. 95-110, 2012. Disponível em: <<https://seer.pgsskroton.com/traducom/article/view/1758/1677>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.

AULETE, Caldas. Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: dicionário caldas aulete, vs online. Acesso em: 8 jul. 2022.

DJONGA. **Olho de Tigre**. Rio de Janeiro: Pineapple StormTV e Brainstorm Estúdio, 2017. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/2GKpQ6rstJxrJTOHOTrBq8?si=cd0e31b80ad5405f>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ESQUEDA, Marileide Dias. O filme *Tropa de Elite* em espanhol: a questão da tradução dos palavrões. **Revista ABEACHE**, ano 2, n. 3, p. 145-161, 2012. Disponível em: <https://www.hispanistas.org.br/arquivos/revistas/sumario/revista3/145-161.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

ESQUEDA, M. D. Teorias de tradução e a questão da ética. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 49-55, 1999. Disponível em: <https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v20_n1_1999.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRESH Dressed. Direção: Sacha Jenkins. Produção de Peter Bittenbender e Marcus A. Clarke. Estados Unidos: Cable News Network, 2015. Plataforma de *streaming* Amazon (80 min.).

FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise**. 1999. Tese (doutorado) - Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MATTIELLO, Elisa. Difficulty of Slang Translation. In: CHANTLER, Ashley; DENTE, Carla (org.). **Translation Practices: Through Language to Culture**. Amsterdã - Nova Iorque: Rodopi, 2009. p. 65-84.

MCS, Racionais. **Negro Drama**. São Paulo: Boogie Naípe, 2002. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3ytXzEJFeVydFmUhhvti8?si=009ed8704d0b4e92>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MCS, Racionais; CIA, Dj. **Preto Zica**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2014. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/1gD4sDZi8BaHunlj4zNF8B?si=0067aeefbe294a45>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MOLINA, Lucia; HURTADO ALBIR, Amparo. Translation Technique Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. **Meta**, Journal des Traducteurs, vol. 47, n. 4, p. 498-512, 2002.

POSTALI, Thífani. O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira. **Revista Cultura Crítica**, PUC-São Paulo, n. 14, p. 7-15, 2º semestre de 2011. Disponível em: https://www.apropucsp.org.br/_files/ugd/2a264a_06b8db75769c4205a8daa24fca503d54.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

RET, Felipe; DO RODO, Mc Poze; NAGALLI. **Sonho dos Cria**. São Paulo: Som Livre, 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/6KKT8dzP21J4WwBp9swjob?si=47bac994b2334322>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation.** Londres: Routledge, 1995.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies.** Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

ZAVAGLIA, Adriana. RENARD, Carla M. C. JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015.